

# Revista Brasileira de Letras, Linguística e Artes

ISSN 3085-816X

vol. 2, n. 1, 2026

## ••• ARTIGO 4

Data de Aceite: 16/01/2026

## ANÁLISE DAS TICS NO DESENVOLVIMENTO DE LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Cleoni Maria Schabarum Cassol

Elisandra Santos Mendes Garcia



Todo o conteúdo desta revista está licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

**Resumo:** Este artigo analisa a influência das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) no desenvolvimento das competências leitoras no Ensino Fundamental, considerando os desafios contemporâneos da leitura em ambientes digitais. A pesquisa baseia-se em revisão integrativa e fundamentação teórica sobre práticas pedagógicas mediadas por tecnologias, com destaque para o papel do professor, da família e da organização curricular. Os resultados indicam que, quando bem mediadas, as TICs ampliam o engajamento e favorecem a leitura crítica. No entanto, sua utilização descontextualizada pode prejudicar a aprendizagem. Destaca-se a importância da formação docente continuada e da participação ativa da família nesse processo.

**Palavras-chave:** Tecnologias digitais. Leitura crítica. Ensino fundamental. Formação docente.

## INTRODUÇÃO

As transformações informacionais do século XXI ultrapassam o âmbito técnico e produzem reconfigurações profundas nas formas de interação social, na produção do conhecimento e nas práticas educativas. A escola é desafiada a ressignificar os espaços de mediação e produção de sentidos na vida dos estudantes. Nessa análise a leitura assume uma centralidade renovada, não apenas como uma habilidade técnica de decodificação, mas como uma prática cultural, social e cognitiva. Soares (2003) destaca que ler é, acima de tudo, um ato de interação simbólica, permeado por intencionalidades e contextos. Conforme Colomer; Camps (2002) ressaltam que a leitura deve ser vivenciada como uma experiência ativa e significativa, em que o leitor tenha liberdade

para interpretar, estabelecer conexões com seu cotidiano e desenvolver autonomia para atribuir sentidos.

O teórico Vygotsky (1991) ressalta que o conhecimento é construído nas interações sociais mediadas pela linguagem e pela cultura, ou seja, é na relação com o outro e com o ambiente que o sujeito apropria-se dos instrumentos simbólicos que estruturaram seu pensamento. Para Piaget (1976) a importância da atividade mental ativa da criança, que aprende por meio da experiência e da construção de hipóteses sobre o mundo ao seu redor. Assim, o processo de aprendizagem da leitura deve acontecer em ambientes ricos em estímulos, que favoreçam o diálogo, a cooperação, a problematização e a articulação com a realidade vivida pelos estudantes.

As TICs exercem um papel transformador quando integradas de forma crítica e pedagógica ao currículo, elas ampliam o repertório dos estudantes e favorecem a inserção da leitura em múltiplos suportes. Dito isso, o estudo tem como objetivo compreender a articulação entre o contexto escolar e as práticas culturais e comunicacionais que permeiam o cotidiano dos estudantes, visando ao aumento do engajamento discente e à atribuição de maior significado ao processo de leitura.

Porém, a integração das tecnologias demanda planejamento, formação docente contínua e uma articulação efetiva entre escola e família. A leitura é um processo que ultrapassa os muros escolares, ela começa, em grande parte, no ambiente doméstico, onde a criança tem seus primeiros contatos com a linguagem, às histórias e os significados. Assim, o envolvimento familiar, aliado ao uso consciente e formativo/tecnológico, constitui uma base essencial para o desenvolvimento de competências leitoras amplas, críticas e duradouras.

## METODOLOGIA

A presente pesquisa foi conduzida a partir de uma revisão integrativa de literatura, com o objetivo de analisar como as TICs influenciam o processo de aprendizagem da leitura no Ensino Fundamental. A escolha dessa abordagem metodológica justifica-se por sua capacidade de reunir, sintetizar e interpretar criticamente produções científicas relevantes, oferecendo uma compreensão abrangente sobre o tema e possibilitando a identificação de caminhos e desafios ainda presentes na prática pedagógica.

A pesquisa foi conduzida a partir de uma abordagem qualitativa, ancorada na análise interpretativa dos textos selecionados. Tal opção metodológica possibilitou uma leitura aprofundada dos conteúdos, favorecendo a articulação entre as contribuições teóricas e a compreensão dos diferentes fatores envolvidos no processo de ensino da leitura.

As buscas foram realizadas entre agosto de 2023 e fevereiro de 2024, em bases de dados reconhecidas, como SciELO, Portal de Periódicos da CAPES e a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP. Também foram consultados documentos normativos, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que orientam as práticas escolares no Brasil. As palavras-chave utilizadas foram: “Tecnologias de Informação e Comunicação”, “Leitura”, “Ensino Fundamental”, além de combinações por operadores booleanos, como “Leitura digital AND Leitura literária”.

Inicialmente, foram identificadas 190 publicações. Após a análise dos títulos, resumos e da aderência temática, 110 textos foram selecionados para leitura integral, considerando critérios como ano de pu-

blicação (com prioridade para produções a partir de 2000), relevância teórica, rigor metodológico e alinhamento com os objetivos do estudo. Desse conjunto, destacam-se as contribuições de 24 estudiosos amplamente citados no artigo, cujas obras fundamentaram as principais categorias analíticas e orientaram a construção do referencial teórico. As demais produções foram excluídas por não atenderem aos critérios previamente estabelecidos.

Durante a análise, priorizaram-se os estudos que abordam a leitura como prática social, o papel da escola e da família na mediação da leitura, a importância da formação docente frente às demandas tecnológicas e os impactos das TICs na aprendizagem. A construção dos resultados partiu da articulação entre essas contribuições, para favorecer reflexões fundamentadas, contextualizadas e conectadas às necessidades atuais da educação básica.

A utilização dessa metodologia permitiu não somente reunir dados, mas também interpretar contextos e propor caminhos que contribuam para a construção de práticas pedagógicas mais coerentes com a realidade contemporânea, voltadas à formação de leitores críticos, reflexivos e socialmente participativos.

## Resultados e Discussão

Os resultados apontam que as articulações entre o contexto escolar e as práticas culturais e digitais promovem experiências de leitura mais significativas, ampliando o engajamento dos estudantes. Ao integrar seus repertórios socioculturais ao ensino, a leitura passa a ser compreendida como prática social, vinculada à produção de sentidos, contribuindo para a formação do aluno

como sujeito leitor-escritor. Essa perspectiva fortalece competências críticas, interpretativas e autorais, indicando a necessidade de propostas pedagógicas que articulem cultura escrita e digital de modo integrado.

## REFERENCIAL TEÓRICO

### Leitura e tecnologias digitais: novos desafios para a educação

Com o surgimento da internet, dos dispositivos móveis e das redes sociais, a leitura ultrapassou o espaço do papel impresso e passou a integrar um ecossistema multimodal e interativo. Os textos contemporâneos tornaram-se cada vez mais híbridos, combinando palavras, imagens, vídeos, sons, hiperlinks e interfaces de navegação que exigem novas formas de atenção, interpretação e construção de sentido. Essa configuração transforma profundamente as práticas de letramento, demandando competências que vão além da leitura linear tradicional.

Nesse cenário, Wolf (2019) ressalta que o cérebro humano adaptado ao longo de séculos para a leitura profunda, sequencial e reflexiva, típica do livro impresso, está passando por um processo de reorganização neurológica. Com base em estudos da neurociência cognitiva, a autora aponta que, embora a leitura digital ofereça vantagens como rapidez na coleta de informações e acesso a múltiplas fontes, ela pode comprometer a empatia, a concentração e o pensamento crítico, habilidades tradicionalmente desenvolvidas pela leitura analítica. Por isso, defende a necessidade de uma “leitura bilíngue”, que combine as habilidades digitais com a profundidade cognitiva da leitura tradicional.

Cosson (2009), ao refletir sobre as práticas leitoras no contexto brasileiro, enfatiza que a leitura é um ato social, político e cul-

tural que vai além da simples decodificação. Para ele, formar leitores é muito mais do que ensinar a ler palavras: trata-se de desenvolver uma consciência crítica sobre o mundo. Nesse sentido, a leitura deve ser vista como um exercício de cidadania. Ao incorporar as tecnologias digitais no ensino da leitura, a escola precisa ir além do uso instrumental desses recursos, adotando uma abordagem crítica, intencional e democrática. O uso das tecnologias amplia o acesso a inclusão e a autonomia leitora, sobretudo em contextos de vulnerabilidade social.

Segundo Brasil (2018) a Base Nacional Comum Curricular reconhece que o leitor contemporâneo precisa transitar por diferentes gêneros, linguagens e suportes textuais. O documento propõe que o ensino da leitura, especialmente no Ensino Fundamental, envolve práticas que integrem o verbal, o visual, o sonoro e o interativo. Cabe à escola mediar essas experiências de forma sistematizada, garantindo aos estudantes o desenvolvimento do letramento digital e das competências leitoras e interpretativas em diversos ambientes comunicativos.

Koch; Elias (2011) relacionam a dimensão interacional da leitura a um processo dialógico, no qual o leitor negocia sentidos com o texto a partir de seus conhecimentos prévios, das pistas linguísticas e do contexto de produção e recepção. No ambiente digital, essa habilidade se amplia; o leitor necessita interpretar e integrar informações em suportes não lineares, como vídeos legendados, infográficos, mapas de navegação e comentários de outros usuários. A leitura torna-se, assim, uma atividade complexa, que exige raciocínio multimodal, tomada de decisões e filtragem crítica diante da enorme quantidade de dados disponíveis.

Saveli (2018) contribui para essa reflexão ao afirmar que o desinteresse dos estudantes pela leitura escolar muitas vezes não

reflete uma resistência à aprendizagem, mas uma desconexão entre as propostas pedagógicas e os contextos vividos pelos jovens. Segundo a autora, práticas escolares que ignoram as linguagens digitais e os repertórios culturais dos estudantes tendem a gerar desmotivação e afastamento. Por outro lado, quando bem planejada e mediada, a leitura digital pode aproximar o universo dos jovens dos objetivos formativos da escola, promovendo engajamento, autoria e criticidade.

Portanto, é fundamental que a escola compreenda as especificidades da leitura no século XXI, e se atualize continuamente para integrar às práticas de leitura às tecnologias de forma crítica, reflexiva e significativa. Dito isso, a formação do leitor contemporâneo exige uma intervenção docente que reconheça a complexidade dos novos textos e promova um letramento múltiplo, capaz de dialogar com as exigências cognitivas, culturais e sociais da era digital.

### **Integração curricular, práticas pedagógicas e as TICs**

A inserção das Tecnologias da Informação e Comunicação no ensino da leitura vai muito além da simples substituição do papel impresso por suportes digitais. Trata-se de um processo que exige práticas pedagógicas planejadas e intencionais, capazes de integrar metodologias tradicionais com inovações tecnológicas, considerando as particularidades da leitura digital e suas implicações cognitivas, sociais e culturais. Nesse cenário, metodologias ativas, como a sala de aula invertida, a gamificação, o ensino híbrido e projetos interdisciplinares, surgem como alternativas pedagógicas promissoras, ao conciliarem a profundidade da

leitura tradicional com a dinamicidade e a interatividade do ambiente digital.

Segundo Moran (2012), o professor do século XXI deve atuar como mediador das experiências de aprendizagem, e não somente como transmissor de conteúdos. Sua função aproxima-se à de um “designer educacional”, responsável por planejar situações que promovam o protagonismo dos estudantes, a colaboração e o pensamento crítico. Assim, a prática pedagógica deve integrar tanto os fundamentos teóricos da educação quanto os novos paradigmas comunicacionais propiciados pelas TICs.

Conforme o documento normativo Brasil (2018) reforça a perspectiva ao valorizar a leitura como prática social, crítica e multimodal, que articula linguagens verbais, visuais, sonoras e digitais em diferentes gêneros textuais. Propõe uma abordagem transdisciplinar onde o ensino da leitura se configura como eixo estruturante da formação integral dos alunos. Em consonância, Gerald (2011) alerta para os limites da leitura escolar tradicional, muitas vezes centrada em exercícios mecânicos de interpretação que não produzem sentido real para os estudantes. A leitura deve ser uma experiência significativa, que dialogue com os contextos culturais e afetivos dos alunos, reconhecendo-os como sujeitos de linguagem.

Autores como Bizzotto; Aroeira e Porto (2010) destacam que o professor precisa criar ambientes interativos de leitura, nos quais o aluno seja convidado a dialogar com o texto, expressar-se, interpretar e produzir sentidos. Nesse processo, a mediação docente é fundamental, especialmente no contexto digital, a qual os estudantes precisam desenvolver competências específicas para navegar, selecionar, compreender e criticar conteúdos multimodais e hipertextuais. Ne-

ves (2023) enfatiza que esse novo formato desafia a cognição humana, pois demanda competências de análise crítica, síntese e integração de múltiplas fontes.

Nesse sentido, Wolf (2019), com base em estudos da neurociência cognitiva, aponta que o “cérebro digital” se desenvolve de maneira distinta daquele moldado pela leitura linear do livro impresso. Embora as tecnologias digitais promovem agilidade e amplo acesso à informação, também favorecem uma leitura fragmentada, com menor profundidade interpretativa e retenção limitada na memória de trabalho. Por isso, a escola deve propor estratégias que equilibrem momentos de leitura rápida com práticas de leitura atenta, reflexiva e silenciosa.

Assim, a prática docente necessita incorporar práticas diversificadas que desenvolvam habilidades como foco atencional, inferência, análise crítica e construção de sentidos. Ferramentas digitais, como mapas mentais colaborativos, infográficos interativos, fóruns de discussão, audiovisuais comentados e resumos coletivos em plataformas digitais, são recursos valiosos para tornar a leitura uma atividade ativa, dialógica e socialmente construída.

Kenski (2013) destaca que o uso das tecnologias educacionais exige mais do que domínio técnico; o educador deve compreender os impactos socioculturais das TICs na vida dos estudantes e refletir criticamente sobre sua mediação pedagógica. A formação continuada é imprescindível para que o professor desenvolva competências pedagógicas, tecnológicas e éticas, reconfigurando a sala de aula em um espaço dinâmico, interativo e responsável às demandas contemporâneas.

Geraldi (2011) alerta para o risco de a escola perpetuar modelos excludentes, des-

conectados das práticas letradas cotidianas dos alunos. Confirma Antunes (2010) o professor deve ser também leitor e pesquisador, capaz de reconhecer os textos digitais como espaços legítimos de construção de sentido, autoria e cidadania. Nesse novo paradigma, a leitura deixa de ser uma atividade solitária e isolada para tornar-se prática coletiva, crítica e socialmente situada.

Em síntese, a integração das TICs ao ensino da leitura requer uma reestruturação do fazer pedagógico, pautada em princípios de equidade, acessibilidade, intencionalidade didática e formação crítica. Quando conduzida de forma ética, criativa e inclusiva, a leitura digital tem o potencial de transformar a sala de aula em um ambiente fértil para a formação de leitores reflexivos e participativos.

### Família, sociedade e o impacto das tecnologias no contexto leitor

A família exerce um papel essencial e insubstituível no desenvolvimento das competências leitoras, especialmente na infância. O ambiente familiar é o primeiro espaço de letramento ao qual a criança tem acesso, sendo determinante para a formação da consciência fonológica, da fluência leitora e da relação afetiva com os textos. Conforme Leal; Albuquerque (2010), às experiências de leitura compartilhada entre adultos e crianças contribuem significativamente para o desenvolvimento emocional, ampliação do vocabulário e criação de vínculos afetivos com os textos. A mediação da leitura no lar não somente amplia os horizontes linguísticos da criança, mas também a insere em práticas sociais e culturais que valorizam o conhecimento, o diálogo e a imaginação.

Contudo, o avanço das tecnologias digitais e o uso disseminado de dispositivos eletrônicos no cotidiano apresentam novos desafios. O uso excessivo de telas por crianças e adolescentes pode impactar negativamente diversas áreas do desenvolvimento. O estudo de Madigan *et al.* (2019) aponta que a exposição prolongada a dispositivos digitais está associada a déficits em linguagem, comunicação, atenção e habilidades motoras, além de contribuir para o aumento de sintomas de ansiedade e irritabilidade. Esses dados reforçam a importância da mediação parental na regulação do tempo de tela e na promoção de experiências mais qualitativas com as tecnologias.

Nesse contexto, o papel da família torna-se mais relevante. Não se trata de restringir o uso das tecnologias, mas de orientar e estimular seu uso consciente e produtivo. A leitura digital, por exemplo, pode ser uma grande aliada no processo de formação leitora, desde que mediada com intencionalidade. Antunes (2010) destaca que ler é um ato crítico, social e político, e que a formação de leitores conscientes começa no seio familiar, onde se constrói o hábito, o gosto e a postura investigativa diante dos textos e da realidade.

Além disso, as famílias enfrentam desafios relacionados à desigualdade de acesso às tecnologias e à falta de familiaridade com as ferramentas digitais utilizadas nas escolas. Muitas vezes, pais/ responsáveis não dominam essas tecnologias, essas podem gerar insegurança e distanciamento do processo educacional. Cosson (2009) argumenta que o ato de ler deve ser compreendido como um direito social e uma prática cultural ampla. Isso exige que escola e família atuem como agentes mediadores de práticas leitoras em ambientes inclusivos e participativos.

Para ele, a leitura ultrapassa a dimensão técnica, configura-se também como forma de pertencimento e articulação com o mundo.

A integração entre escola e família é, portanto, indispensável. Brasil (2018) reforça a importância do trabalho conjunto entre esses dois contextos, propondo que a leitura seja abordada como prática social, envolvendo diferentes suportes, linguagens e gêneros textuais. A leitura deve ultrapassar os muros da escola e alcançar o cotidiano familiar, promovendo experiências significativas e contextualizadas. O projeto como roda de leitura, oficinas intergeracionais e campanhas escolares de incentivo à leitura em casa são estratégias eficazes para fortalecer essa parceria.

A leitura torna-se, assim, um elo entre gerações, uma ponte afetiva e cognitiva entre sujeitos. Quando a família participa ativamente do processo leitor, os vínculos com os textos são fortalecidos, a autoestima leitora cresce e a aprendizagem se torna duradoura. Como apontam Leal; Albuquerque (2010) o alicerce de uma vida leitora rica se forma através de pequenas interações cotidianas, como ler uma história antes de dormir ou conversar sobre um texto.

Em análise, uma sociedade marcada pela sobrecarga de informações e pela leitura fragmentada, em que o papel da família também é cultivar momentos de leitura profunda, silenciosa e reflexiva. Esse equilíbrio entre o digital e o humano, entre tecnologia e afetividade, é fundamental para que as novas gerações desenvolvam habilidades técnicas, sensibilidade, empatia e pensamento crítico diante do mundo.

A compreensão da leitura no contexto contemporâneo exige o que a literatura recente denomina de multiletramentos. Nes-

se cenário, a família atua como o primeiro filtro curatorial. A literacia familiar, portanto, não deve ser vista apenas como o ato de decodificar letras, mas como a construção de repertórios que permitam a navegar com ética e criticidade pelo oceano de informações digitais. Quando pais e filhos exploram junto um livro digital interativo ou discutem a veracidade de uma notícia compartilhada em redes sociais, estão praticando uma mediação que transforma a tecnologia de um fim em si mesma em uma ferramenta de emancipação intelectual.

Essa mediação, entretanto, esbarra frequentemente na lacuna de competência digital entre as gerações. Prensky (2001) cunhou o termo “nativos digitais” para descrever os jovens que nasceram imersos à tecnologia, contrastando-os com os “imigrantes digitais” (os pais). Os estudos recentes sugerem que a fluência técnica dos jovens não equivale, necessariamente, à maturidade cognitiva ou crítica. Britto (2011) argumenta que o “desejo de ler” é despertado pelo contágio afetivo; se a criança observar os adultos constantemente absorvidos em telas para entretenimento passivo, dificilmente desenvolverá o interesse pela leitura profunda. Logo, a criação de “zonas livres de tecnologia” no ambiente doméstico, dedicadas exclusivamente ao diálogo e à leitura compartilhada, torna-se uma estratégia de resistência à fragmentação da atenção. Essas práticas cotidianas ajudam a consolidar a leitura como fruição, e não apenas como obrigação escolar.

Por fim, a colaboração entre escola e família deve transpor o campo da cobrança e migrar para o campo da formação mútua. A escola pode atuar como um polo de letramento digital para as famílias, oferecendo oficinas que capacitem os responsáveis

a acompanhar a vida escolar mediada por plataformas. Como defende Freire (1989), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Ao democratizar o acesso ao saber digital e fortalecer os vínculos afetivos em torno do livro, garantimos que a tecnologia seja um degrau, e não um obstáculo, para a formação de sujeitos capazes de ler, interpretar e transformar sua própria realidade.

### Leitura e cidadania digital: desafios para a formação crítica

A leitura no contexto digital ultrapassa a simples decodificação técnica de palavras impressas e se integra profundamente ao exercício da cidadania digital. Atualmente, ler envolve um conjunto complexo de competências que incluem o reconhecimento dos códigos linguísticos, habilidades éticas, comunicacionais e críticas essenciais para navegar em um ambiente saturado por um imenso volume de informações, muitas vezes conflitantes.

A conjuntura atual, marcada pela proliferação da desinformação, impõe à escola a tarefa de promover uma educação que ultrapasse o letramento funcional, e capacite os estudantes a questionarem e problematizar os conteúdos consumidos. Soares (2018) destaca o letramento digital a ser compreendido como um processo emancipador, o qual oferece acesso à informação, promove a reflexão crítica dos conteúdos. Para isso, as práticas pedagógicas precisam ir além do uso instrumental das tecnologias, estimulando a análise crítica da materialidade dos conteúdos digitais, como autoria, direitos autorais, políticas de privacidade, que filtram e priorizam as informações nas telas dos usuários.

A escola deve construir espaços educativos que possibilitem o debate aberto, a re-

flexão compartilhada e a intervenção social, a partir da leitura e análise de uma grande diversidade de gêneros digitais. Essa abordagem amplia o conceito tradicional de texto, reconhecendo a multiplicidade de linguagens, suportes e formatos que caracterizam a comunicação contemporânea.

A formação leitora cidadã implica valorizar a leitura como prática política e cultural, capaz de conferir aos estudantes, entendimento do mundo, capacidade de posicionar-se criticamente diante dos fenômenos sociais, políticos e culturais que os cercam. Projetos pedagógicos interdisciplinares, a curadoria participativa de conteúdos digitais podem se tornar caminhos eficazes para despertar o protagonismo dos estudantes.

Afere-se a leitura como uma ação de resistência contra a alienação, a superficialidade e a passividade induzidas pelo consumo acrítico de informações digitais. Sendo um instrumento construtor de narrativas e escrituras que valorizem a diversidade cultural, o diálogo plural e a transformação social e a inclusão no mundo conectado contemporâneo.

A evolução do conceito de leitura exige o que Jenkins (2009) denomina de cultura da participação. Ler, no contexto das redes, não é mais um ato solitário de recepção, mas um processo colaborativo de circulação e ressignificação de conteúdos. Entretanto, essa participação só se traduz em cidadania se houver o desenvolvimento da competência midiática. Segundo Ferrés; Piscitelli (2015), essa competência envolve não apenas a capacidade de produzir conteúdo, mas a dimensão estética e ética; a sensibilidade para entender como as emoções são manipuladas por interfaces digitais e o compro-

missão ético de não propagar discursos que firam a dignidade humana.

Nesse cenário, a escola e a família enfrentam o desafio da “infodemia”. Santaella (2021) argumenta que o leitor contemporâneo é um “leitor ubíquo”, que consome informações de forma fragmentada e constante. Essa fragmentação pode levar a uma atrofia da capacidade de concentração e análise profunda. Portanto, a mediação deve focar na curadoria. Ensinar a ler digitalmente é, em larga medida, ensinar a selecionar, checar fontes e confrontar versões. A leitura crítica torna-se, assim, uma técnica de “autodefesa intelectual” contra o que Morozov (2018) identifica como o extrativismo de dados e a manipulação comportamental exercida pelas grandes plataformas. A leitura crítica da materialidade digital permite que o sujeito perceba que o algoritmo não é neutro; ele é um editor invisível que molda a realidade.

## Avaliação e adaptação das práticas de leitura na era digital

A rápida evolução das tecnologias digitais traz desafios complexos para as práticas pedagógicas relacionadas à leitura. Por isso, é necessário repensar os métodos de avaliação tradicionais, que costumam focar em testes padronizados de compreensão e memorização. A leitura digital exige habilidades amplas, como navegação em textos hipertextuais, interpretação multimodal, análise crítica de diferentes fontes e produção colaborativa de sentidos.

Moran (2012) destaca que a avaliação deve ser um processo contínuo e formativo, não somente como um momento para medir resultados. Isso significa que as avaliações precisam ajudar a ajustar as estratégias de en-

sino, adaptando-se às necessidades de cada aluno. Ferramentas digitais como portfólios eletrônicos, blogs, fóruns, plataformas gamificadas e ambientes colaborativos online oferecem formas variadas para os estudantes expressarem suas ideias, construírem conhecimento e compartilharem experiências significativas de aprendizagem.

Kenski (2013) ressalta a importância de reconhecer a diversidade cognitiva dos estudantes e seus diferentes ritmos de aprendizagem. As avaliações precisam ser flexíveis e inclusivas, garantindo que todos, inclusive estudantes com necessidades especiais, tenham acesso e possam desenvolver seu potencial. Adaptar recursos e estratégias avaliativas para respeitar essa diversidade contribui para um ambiente escolar mais justo e eficaz.

Outro ponto importante é fortalecer a autoavaliação e a coavaliação, que incentivam os alunos a refletirem sobre seus processos de leitura e produção, desenvolvendo autonomia, responsabilidade e protagonismo. Assim, a avaliação deixa de ser uma medida de desempenho e passa a ser um instrumento de transformação dos estudantes

Por fim, sistemas de avaliação flexíveis e alinhados às demandas da leitura digital são essenciais para que as escolas acompanhem as mudanças provocadas pelas tecnologias. Avaliar competências e habilidades que surgem do domínio técnico ao pensamento crítico e à ética digital, esta promove a relevância e eficácia ensino aprendizagem. Dessa forma, a escola forma leitores criativos e conscientes, preparados para atuar em uma sociedade cada vez mais conectada e complexa.

## CONCLUSÃO

A análise dos dados, junto à revisão teórica, permite concluir que a leitura, enquanto prática formativa, precisa ser entendida de forma integrada às transformações sociais e tecnológicas atuais. A leitura digital não é apenas uma mudança de suporte; ela modifica profundamente a maneira como o cérebro interage com os textos. Nesse cenário, é essencial a formação docente para o desenvolvimento de competências teóricas e práticas e a mediação das informações contidas nos textos físicos / digitais.

Por outro lado, é necessário criar políticas públicas promotoras de infraestrutura adequada, conectividade e acesso a dispositivos digitais nas escolas, para evitar o aumento das desigualdades educacionais. Bem como, programas de inclusão digital precisam estar integrados a projetos de letramento multimodal e à formação continuada dos professores.

Outro ponto essencial é criar vínculos afetivos e fortalecer a parceria entre escola e família, por meio de estratégias que compartilhem a responsabilidade pela formação leitora e uso consciente das redes sociais e plataformas digitais.

As perspectivas futuras indicam a necessidade de aprofundar pesquisas sobre os efeitos cognitivos, afetivos e sociais da leitura digital. Esses estudos se fazem necessários ao referenciar as especificidades da cognição digital, os impactos da leitura fragmentada, o desenvolvimento da atenção sustentada e a interpretação textual. Além disso, os currículos escolares precisam ser reformulados para valorizar a competência leitora como prática presente em todas as áreas do conhecimento, formando sujeitos críticos, éticos e preparados para os desafios da sociedade digital.

Assim, o uso das tecnologias digitais na educação demanda à formação integral do estudante, promoção do domínio das ferramentas, mas principalmente a construção de uma consciência crítica sobre os discursos que circulam nas diversas mídias. A leitura digital não substitui à tradicional, mas deve dialogar com ela, ampliando as possibilidades de interpretação e autoria.

A combinação entre práticas tradicionais e digitais, a valorização da formação docente, o engajamento das famílias e o investimento em políticas públicas inclusivas são condições fundamentais para garantir o direito à leitura para todos os estudantes. A escola carece ser um espaço de criação, resistência e acolhimento, onde a leitura seja concebida como instrumento de liberdade, emancipação e transformação.

Por fim, ao reconhecer as diversas formas de leitura compartilhadas pelos estudantes, das redes sociais aos livros impressos, valoriza-se a diversidade de suportes e linguagens, e o educador edifica fontes reais de conhecimento dos estudantes. Dessa forma, a leitura deixa de ser uma obrigação e torna-se uma experiência significativa, prazerosa e libertadora.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. **Muito além da gramática:** por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola, 2010.
- BIZZOTTO, M. L.; AROEIRA, A. R.; PORTO, J. L. **Leitura e ensino:** práticas e reflexões. Campinas: Mercado de Letras, 2010.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. **O esforço de ler.** São Paulo: Editora UNESP, 2011.
- COLOMER, T.; CAMPS, A. **Ensinar a ler, ensinar a compreender.** São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- COSSON, R. Letramento literário: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2009.
- FERRÉS, Joan; PISCITELLI, Alejandro. **A competência midiática como proposta educacional: dimensões e indicadores.** Lumina, Juiz de Fora, v. 9, n. 1, p. 1-18, jun. 2015.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.
- GERALDI, J. W. **O texto na sala de aula:** leitura e produção. 6. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2011.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência.** 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.
- KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias:** o novo ritmo da informação. 6. ed. Campinas: Papirus, 2013.
- KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender:** os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2011.
- LEAL, T. F.; ALBUQUERQUE, E. B. C. **A leitura em família:** práticas sociais e desenvolvimento infantil. Recife: UFPE, 2010.
- MADIGAN, S. *et al.* Association Between Screen Time and Children's Performance on a Developmental Screening Test. **JAMA Pediatrics**, v. 173, n. 3, p. 244–250, 2019.
- MORAN, J. M. **A educação que desejamos:** novos desafios e como chegar lá. Campinas: Papirus, 2012.

MOROZOV, Evgeny. **Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política.** São Paulo: Ubu Editora, 2018.

NEVES, M. F. Desafios da leitura digital na formação leitora de crianças. **Revista Digital de Educação e Leitura**, v. 5, n. 2, p. 22-35, 2023.

PIAGET, J. **A psicologia da criança.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1976.

PRENSKY, Marc. **Digital Natives, Digital Immigrants.** Onthe Horizon, [s. l.], v. 9, n. 5, p. 1-6, out. 2001.

SANTAELLA, Lucia. **O pós-humano: por que as pessoas se assustam com a tecnologia?** São Paulo: Paulus, 2021.

SAVELI, M. R. **Leitura na escola:** mediação, práticas e sentidos. Curitiba: Appris, 2018.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento:** caminhos e descaminhos. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

SOARES, M. Letramento e escolarização. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, p. 5-15, 2003.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WOLF, M. **O cérebro no mundo digital:** os desafios da leitura na nossa era. São Paulo: Contexto, 2019.